

Raízes e Frutos: Uma Vivência nas Comunidades Caiçaras da Península da Juatinga, Paraty – RJ.

LOPES, Thiago. UFRJ. thiagolopes@gmail.com; SANTOS, Raiza. UFRJ. raizamr@gmail.com; MATTOS, Maira. UFRJ. Maiira021@yahoo.com.br; BARRETO, Mateus. mateuselaurentino@yahoo.com.br; MAYA, Tadzia. tadziamaya@gmail.com; SOARES, Tainá. tainamie@gmail.com; PEREIRA, Marcos Vinicius. UFRJ. vini.martinspereira@yahoo.com.br.

Resumo

O Raízes e Frutos é um projeto de extensão universitária filiado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Iniciado em 2007, seus membros atuam desde 2005 com a população caiçara da Reserva Ecológica da Juatinga (REJ) inserida, por sua vez, na Área de Proteção Ambiental (APA) Cairuçu, no município de Paraty, Estado do Rio de Janeiro. Os integrantes do projeto baseiam seu trabalho no conceito de vivência junto às comunidades caiçaras. A proposta é gerar um processo de construção coletiva com os moradores, de percepção das demandas, suas resoluções, manejo consciente e conservação local da Mata Atlântica, convergindo Agroecologia, Educação Popular e Diferenciada, Cidadania e Cultura. Para tanto, promovem um contato com as comunidades caiçaras que visa à troca dos conhecimentos científico, acadêmico e tradicional, buscando a etnoconservação do ecossistema e da cultura local através da aproximação das diferentes visões de mundo, da aproximação da agroecologia com a roça caiçara.

Palavras-chave: Agroecologia, Roça caiçara, Segurança alimentar.

Contexto

Esta experiência mostra-se relevante devido à situação de extremo risco social das populações tradicionais conhecidas como caiçaras que habitam a Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), uma das unidades de conservação que integra a Reserva da Biosfera da Unesco.

A área é de grande importância ambiental por contar com extensas porções de Mata Atlântica conservada e um grande número de espécies endêmicas. Além disso, possui a presença de populações humanas de excepcional riqueza cultural, sobretudo, a caiçara.

Tendo em vista a grande interação entre a evolução histórica da cultura tradicional e seu território nativo, as comunidades caiçaras possuem uma identidade construída a partir de um forte vínculo com o ecossistema da Mata Atlântica. Seus saberes, suas “visões de mundo” e seus modos de vida estão intensamente interligados com a natureza local e seu estado de conservação.

Observam-se, dentro dos limites da reserva, processos de urbanização; especulação imobiliária; conflitos legislativos, ambientais e territoriais; grilagem de terras; mudanças de valores e modos de vida, que desestabilizam a cultura local e fragilizam o ecossistema, contribuindo para o desmatamento florestal; extinção de espécies; poluição dos recursos hídricos e erosão.

Tal cenário tem comprometido a autonomia dessas comunidades e a manutenção de seu modo de vida e de seus conhecimentos ecológicos tradicionais - necessários para o equilíbrio do ecossistema local - colaborando para a perda de um arcabouço de memória da história indígena, européia e negra arcaica do estado do Rio de Janeiro.

Em meio a este cenário, notamos a diminuição das práticas ligadas à roça caiçara no Pouso da Cajaíba, localizado na (Reserva Ecológica da Juatinga). Não obstante, a diminuição dessas práticas tradicionais é acompanhada pela perda de fertilidade do solo e os estabelecimento de

pragas. Segundo alguns agricultores locais “a terra está ficando fraca”.

Desta forma, o projeto visa atuar com a comunidade, tendo como objetivo desenvolver e estimular técnicas tradicionais aliadas aos princípios da agroecologia com o intuito de fortalecer a autonomia da comunidade não só frente ao atual processo político de recategorização da Reserva como também em relação à cidade de Paraty.

Esta autonomia, por sua vez, efetiva-se a partir do desenvolvimento de um processo que garanta a soberania alimentar da população local. Entendemos a Agroecologia como a “ciência que estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável” (CAPORAL ; COSTABEBER, 2007).

Descrição da Experiência

Desde 2005, o conhecimento agrícola caiçara da Península é sistematicamente pesquisado através de diversos artigos e trabalhos científicos, projetos e ações de construção coletiva. A montagem do Viveiro Agroflorestal da Praia Grande da Cajaíba, decorrente do contato estabelecido através dos diferentes trabalhos foi inclusive um dos pontos de formação do grupo que posteriormente fundou o Projeto Raízes e Frutos.

O agricultor extensionista José Ferreira da Articulação de Agroecologia do Estado do Rio de Janeiro, que há mais de 12 anos trabalha com agroecologia em seu sítio no Sertão do Taquary (distrito de Paraty), se dispôs a ser um parceiro do projeto. Desse modo, realizamos estágios de vivência em sua propriedade a fim de aprofundar os conhecimentos a respeito da agroecologia e especificamente das técnicas agroflorestais. Paralelamente nos aproximamos das pessoas que estão ou estiveram em algum momento envolvidas com atividades agrícolas.

Dentre os poucos agricultores que ainda trabalham com roça na região podemos citar a família da Dona Margareti, a qual disponibilizou um espaço experimental para a realização de práticas agroecológicas em uma área de plantio de uma cultura tradicional, a Mandioca (*Manihot utilissima*). Isso possibilitou a troca de experiências que contribuíssem para a utilização de um manejo mais equilibrado.

De tal modo, foi realizado no ano de 2007 o primeiro mutirão na roça de Dona Margareti, no Pouso da Cajaíba. Nesta atividade conseguimos resgatar uma técnica caiçara tradicional, que atualmente está enfraquecida: o trabalho através de mutirões. Este mutirão contou com a presença de uma família de uma praia próxima (Praia Grande da Cajaíba) - a qual já havia entrado em contato com técnicas agroecológicas e se articulado com o projeto Raízes e Frutos – que neste momento forneceu mudas, sementes e ajudou no trabalho. Crianças e jovens das duas comunidades participaram, além do José e seu filho Jonathan.

Em 2008 o professor Evaristo de Castro Júnior, coordenador do projeto Raízes e Frutos, ministrou a disciplina “Projeto de Extensão em Geografia II” do Departamento de Geografia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Durante as aulas as questões enfrentadas pelo projeto eram freqüentemente discutidas, e no trabalho de campo que aconteceu em Pouso da Cajaíba, realizou-se outro mutirão, desta vez na roça dos moradores Gigney e Fábio, que contou com a participação dos alunos e do professor ministrante da disciplina, além dos agricultores locais mencionados.

Na ocasião duas áreas foram manejadas. Na primeira, que já possuía árvores frutíferas e uma estratificação florestal mais desenvolvida buscou-se privilegiar as mudas de palmito juçara (*Euterpe Edulis*) plantadas, consorciando leguminosas fixadoras de nitrogênio.

Foi feito ainda o manejo da bananeira com uma poda. Na segunda área, coberta por gramíneas e com alguns abacaxis (*Ananás comosus*) plantados, foi feita uma capinada para aumentar a incidência luminosa nos abacaxis e também foram plantadas leguminosas fixadoras de nitrogênio, além de novas mudas de abacaxi. Nesta área de pousio os alunos da disciplina, a equipe do projeto e os moradores plantaram diversos tipos de sementes com a finalidade de aumentar mais rapidamente a cobertura vegetal do solo.

Dentre as espécies plantadas, podemos citar o feijão-de-porco (*Canavalia ensiformis*); feijão-guandú (*cajanus cajan*); milho (gênero *Zea*); mandioca (*Manihot utilíssima*); tefrósia (*Tefrosia candida*); gliricídea (*Gliricidia sepium*); amora (*Morus nigra*); abóbora (gênero *Cucúrbita*); girassol (*Helianthus annuus*); abacaxi (*Ananas comosus*); bucha (*Luffa cylindrica*) e eritrina (***Erythrina indica picta***). Além do mutirão realizado nessas duas áreas foi feita uma visita na roça da agricultora Margarethi a fim de observar a evolução das culturas de feijão-guandú (*cajanus cajan*) e mandioca (*Manihot utilíssima*).

Em maio de 2009, foi realizada uma nova intervenção por meio de trabalho em mutirão que contou com a presença do agricultor José Ferreira, integrantes do projeto Raízes e Frutos e a moradora Margarethi. Nesta intervenção foram aproveitadas sementes de feijão de porco (*Canavalia ensiformis*) provenientes do plantio realizado no ano anterior e que geraram boa colheita, e outras sementes trazidas de diversas localidades de tefrósia (*Tefrosia candida*), Fava (*Vicia faba*); Crotalária (gênero *Crotalaria*); Fedegoso (*Cássia occidentalis*); Amendoim (*Arachis hypogaea*); girassol (*Helianthus annuus*).

Também foram plantadas mudas de Pitangueira (*Eugenia uniflora*); Jambo (*Syzygium cumini*); Cambucá (*Plinia edulis*) e Ipê (***Tabebuia chrysotricha***). Também foi iniciado um berçário para o Urucum (*Bixa orellana*), o Caju (*Anacardium occidentale*) e flores. O trabalho em mutirão foi orientado pelo agricultor José Ferreira, que trouxe importantes considerações sobre o agrossistema em evolução. Por já conhecer a região de plantio e já ter trabalhado em outro mutirão com a comunidade, as discussões foram muito valiosas, e o vínculo com a agricultora Margarethi se tornou mais forte, favorecendo dessa forma a transição agroecológica (CAPORAL ; COSTABEBER, 2007) que se pretende para essa área de plantio.

Além dessas iniciativas o projeto vem desenvolvendo a idéia de uma farmácia-viva, uma horta de plantas medicinais comunitária, que seria manejada por moradores interessados, em parceria com a escola municipal local e o posto de saúde. Essa horta poderá ser aproveitada para aulas práticas da escola, a fim de articular princípios agroecológicos e educação diante da proposta pedagógica diferenciada. Uma forma de envolver a comunidade nesse processo é a formulação de uma cartilha de plantas medicinais tradicionalmente usadas na região.

Para a confecção dessa cartilha estão sendo entrevistadas pessoas-chave, aquelas que possuem conhecimentos tradicionais, as quais têm se mostrado interessadas em desenvolver o projeto da farmacinha-viva. Desta forma, essa cartilha servirá aos agentes de saúde do Posto local como material de consulta para receitas de fitoterápicos simples, a serem oferecidas para a comunidade.

Resultados

Um resultado interessante do primeiro mutirão realizado na roça da agricultora Margarethi foi a alta produção de feijão-guandú (*cajanus cajan*), que gerou um excedente, possibilitando comercialização na cidade de Paraty. Além disso, é importante citar que a partir da difusão de princípios agroecológicos foi possível fazer o controle ecológico das formigas saúva (gênero *Atta*, a espécie não foi identificada), que prejudicavam as plantações feitas na roça. Esses fatos

mostram-se como um incentivo à diversificação do agrossistema local.

O interesse de jovens da comunidade em voltar a manejar uma área de plantio, que já foi manejada por seus avós foi valorizado pelo projeto ao realizar o trabalho em mutirão durante a aula prática da disciplina oferecida pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (IGEO/UFRJ) o que representa um incentivo ao trabalho desses jovens.

Articulações feitas com outros grupos de trabalho em agroecologia e permacultura da região de Paraty, além de outras regiões do Rio de Janeiro, e a ligação de agentes da comunidade com os integrantes do projeto puderam gerar experiências muito interessantes como a ida de um morador, Seu Manoel, e seu filho Eriel, ao sítio São José onde vive a família Ferreira durante a vivência agroecológica que ocorre todos os anos durante o mês de novembro. Esses moradores tiveram oportunidade de participar das oficinas e conhecer de perto uma experiência muito bem sucedida de manejo agroecológico na própria cidade de Paraty.

Em outra ocasião o S. Ticote, morador da comunidade do Pouso da Cajaíba e presidente da associação de moradores, participou de um curso de Bioconstrução usando bambu no centro de Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura (TIBÁ), em Silva Jardim – RJ. Essa experiência sensibilizou esse agente comunitário a planejar a estrutura da sede da associação usando esses princípios de bioconstrução, bem como a iniciar a implantação de um banheiro ecológico, que no lugar de contaminar uma alta quantidade de água irá gerar composto orgânico para plantios diversos.

Cabe ressaltar que dentre os ensinamentos aprendidos nas experiências realizadas estão a aproximação com a comunidade e a realização de um verdadeiro diálogo entre conhecimento científico e tradicional a partir da “ecologia dos saberes”, a qual consiste no preparo da universidade “para a idéia de que as práticas sociais, mesmo quando são informadas pelo conhecimento científico, possuem um conhecimento que é único, isto é, o conhecimento científico tem que saber dialogar com outros conhecimentos [...] e trazê-los para dentro da universidade. O que significa, eventualmente, os alunos da universidade terem contato com líderes comunitários que hoje não são cientificos para ensinar na universidade [...]” (SANTOS, 2007).

Referências Bibliográficas

SANTOS, B. S. *Boaventura diz que universidades devem praticar “extensão ao contrário”*. Belo Horizonte: Centro de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/006681.shtml>> Acesso em: 26 set. 2007.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2007.